

## O PERFIL DO POVO NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA DE AFONSO X (1252-1284)

Mateus Sokolowski<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo temos como objetivo expor nossa análise histórico-literária do perfil que as Cantigas de Santa Maria de Afonso X de Leão e Castela (1252-1284) divulgavam a respeito do *povo* no contexto Ibérico Medieval. Dado que o termo *camponês* inexistia nas fontes - o que denuncia imprecisão do termo enquanto categoria de análise para sociedade medieval - realizamos o levantamento de termos correlacionados como: lavrador, servo, criado, artesão, vilão, peão, aldeão e pastor para contrapor com a bibliografia especializada. Descobrimos que neste contexto o povo estava longe de representar um bloco homogêneo, constituído somente pelos trabalhadores da terra, mas incluía a variedade de prestadores de serviços que laboravam como forma de sobrevivência.

**Palavras-chave:** Povo, Cantigas de Santa Maria, Idade Média.

### THE PROFILE OF THE PEOPLE IN THE CANTIGAS DE SANTA MARIA BY AFONSO X (1252-1284)

**Abstract:** In this article we have as objective to expose our historical-literary analysis of the profile that the Cantigas de Santa Maria of Afonso X of Leon and Castile (1252-1284) divulged about the people in the Medieval Iberian context. Since the term peasant does not exist in the sources - which denounces imprecision of the term as a category of analysis for medieval society - we carry out the correlated terms such as: farmer, servant, artisan, villain, pawn, villager and pastor to counteract with specialized bibliography. We found that in this context the people were far from presenting themselves as a homogeneous bloc, made up only of the land workers, but included the variety of service providers who had work as a means of survival.

**Keywords:** People, Cantigas de Santa Maria, Middle Ages.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em História - UFPR. Docente do curso de História da UNINTER e professor de História Medieval Oriental e Ocidental do Curso de pós-graduação ITECNE. E-mail: [mateusbandolim@gmail.com](mailto:mateusbandolim@gmail.com)

## 1. Primeira parte: método e contexto.

Este artigo<sup>2</sup> faz parte da análise que estamos desenvolvendo das *Cantigas de Santa Maria*<sup>3</sup> parte dela já publicada como a dissertação de mestrado *Aspectos da Cavalaria nas Cantigas de Santa Maria de Afonso X (1252 – 1284)*<sup>4</sup> onde buscamos definir os múltiplos perfis dos cavaleiros ibéricos através de um tripé metodológico composto pela Música, História e Literatura. Neste artigo, no entanto, focaremos no conceito de povo, não enquanto uma categoria histórica específica, mas como modelo social divulgado pelas cantigas.

O contexto de nossa pesquisa é o reinado de Afonso X de Leão e Castela (1252 – 1284) cognominado “o sábio”. Foi um rei que adotou como oficial o castelhano em detrimento do latim, mandou traduzir e compor obras além de elaborar um sofisticado sistema de leis com as *Siete Partidas*. Os intentos do monarca perpassam sua obra, ainda que o sentido da palavra “autor” na Idade Média seja diferente do que temos hoje, a identificação da autoria das CSM<sup>5</sup> está ligada ao fato do rei ter sido o mentor do projeto:

A autoria é aventada aqui não porque se possa afirmar que o Rei compôs essa ou aquela cantiga, mas porque ele foi o mentor do cancionero e, como já apontamos anteriormente, esse é um

---

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

<sup>3</sup> AFONSO X. *Cantigas de Santa Maria*. Disponível em:

[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1783](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1783)  
3. Acessado em 01/08/2011 e em Alfonso X el Sabio. Cueto, L.A.d., Ribera, J., & Real Academia Española (1889). *Cantigas de Santa Maria*, Madrid, 1990.

As *Cantigas de Santa Maria* podem ser encontradas na sua integralidade em sites e em versões impressas de qualidade. Utilizamos a edição impressa pela Real Academia Espanhola em 1922 e o site “Domínio Público”<sup>3</sup> lançado em 2004, onde se adota a classificação corrente utilizada para a numeração das *Cantigas de Santa Maria*. Este site coloca à disposição de todos os usuários uma biblioteca virtual que se constitui referência para professores, alunos e pesquisadores. Optamos por este meio devido à facilidade de acesso, confiabilidade e rigor no tratamento das fontes.

<sup>4</sup> SOKOLOWSKI, M. *Aspectos da cavalaria nas cantigas de Santa Maria de Afonso X (1252-1284)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/43798>. Acessado em 10/09/2017.

<sup>5</sup> Abreviação padrão para Cantigas de Santa Maria.

conceito mais importante no mundo medieval do que aquele de um autor individual.<sup>6</sup>

Afonso X é o autor principal das cantigas, no sentido de que, além de atuar como trovador foi idealizador e financiador da construção do livro.<sup>7</sup> Além disso, as iluminuras dos manuscritos exaltam a figura do rei como o intermediário entre a virgem e seus súditos em narrativas onde a Virgem aparece com soluções milagrosas que subvertem as leis da natureza em variadas situações<sup>8</sup>: “Gran poder á de mandar o mar e todo-los ventos a Madre daquele que fez todo-los quatr’ elementos”.<sup>9</sup>

Este é o refrão da cantiga que divulga um milagre onde a Virgem salvou um romeiro cristão de afogamento. Segundo Barros, quanto mais sonoro e marcante o refrão mais passível de ficar retido na memória do ouvinte<sup>10</sup> estimulando-o a cantar junto ao trovador disseminando sua mensagem. O refrão assumia uma função ideológica ao fixar a imagem e os atributos da Virgem que estavam conectadas a importantes acontecimentos políticos do momento, pois, era o rei que podia decidir qual narrativa era mais proveitosa divulgar.

Procurando detectar a maneira pela qual o pensamento político de Afonso X é revelado, Kleine esclarece que as realizações culturais do monarca não só constituíram elementos de seu projeto político, mas também forneceram uma base teórica e legitimadora.<sup>11</sup>

Dois foram os acontecimentos principais que marcaram não só o início, mas todo reinado de Afonso X: o projeto de Cruzada contra África e a eleição do

---

<sup>6</sup> CANEDO, S. A. *Formas e fórmulas de composição nas Cantigas de Santa Maria*. 2005. Tese (Doutorado em Literatura) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Belo Horizonte, 2005, p.196.

<sup>7</sup> JIMENEZ, Manuel Gonzalez. *Afonso X, O Sábio*. Editorial Ariel, S.A., Barcelona., 2004. Ariel biografías. 1ª. ed. , 2ª. imp. Edición. p. 436.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> CSM 33

<sup>10</sup> BARROS, José d’ Assunção. “Diálogo entre dois cancioneiros. O trovadorismo galego-português nos séculos XIII e XIV”. In **REVISTA LETRA MAGNA**. Revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, Linguística e literatura – ano 02 – n. 03, 2º semestre de 2005. P 234.

<sup>11</sup> KLEINE, Marina. *El rey que es formosura de Espanna : imagens do poder real na obra de Afonso X, o sábio (1221-1284)* Porto Alegre. 2005. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciência Humanas. Porto Alegre 2005. p.232

monarca para Imperador do Sacro Império Romano, conhecido com o *El Fecho Del Império*. Ambos ocupariam boa parte da atividade política do monarca entre 1259 e 1264. Foi em 1256 que se deu início ao projeto, com a chegada de uma embaixada de Pisa em Castela para oferecer ao rei castelhano a possibilidade de ser Imperador dos Romanos, oferta que influenciaria o reinado do monarca castelhano. Em seu empenho de adquirir o título Afonso X enviou 500 cavaleiros e balesteiros em auxílio de Pisa em seu enfrentamento com a cidade Guelfa de Florença. Essa interferência “internacional” exigia o desembolso constante de grandes quantias de dinheiro<sup>12</sup> o que traria drásticas consequências ao reino, empobrecendo seus habitantes e produzindo descontentamento geral.

Para Diez a pretensão afonsina ao império tratou-se de uma meta absurda que tinha pouco a ver com a realidade política do momento<sup>13</sup>. As relações de Afonso X com a nobreza também não foram fáceis e sua ideia de primazia do poder real foi uma das principais causas dos conflitos. Jimenez acrescenta que na conjuntura de meados do século XIII Afonso X estava de fato em condições de reivindicar sua hegemonia na península: era senhor por nascimento dos territórios de Leão, Castela, ampliado pela conquista de Andaluzia, Múrcia e Badajoz.<sup>14</sup> Para tanto o monarca elaborou o *Fuero Real*, destinado a substituir as cartas municipais e reservar ao rei o poder judicial nas principais cidades do reino com vista de ordenar a sociedade e especificar os direitos e deveres de cada um. Foi justamente este ambicioso projeto que mais causou o descontentamento, culminando com revolta nobiliárquica em 1272. Afonso X não conseguiu o apoio de sua nobreza para “*El fecho del Império*” da mesma forma não conseguiu a submissão dela para suas pautas de poder régio. O que, no entanto, conferiu prestígio ao monarca foi sua produção cultural inigualável.

As *Cantigas de Santa Maria* são o maior conjunto de poemas medievais redigidos em galego-português e somam 427 poemas acompanhados de

---

<sup>12</sup> JIMÉNEZ. G. *Op.Cit.* P 10.

<sup>13</sup> DIEZ, Carlos Estepa. La política imperial de Alfonso X: Esbozo de una posible ideología alfonsina. LA HISTORIA EM EL CONTEXTO DE LAS CIENCIAS HUMANAS Y SOCIALES. Salamanca, 1989. p. 207

<sup>14</sup>JIMÉNEZ. G. *Op.Cit.*. p. 178.

iluminuras e notação musical. A escolha do galego-português pelos trovadores de Portugal e Castela superava as barreiras locais e permitia que os jograis e trovadores circulassem entre as cortes régias, tornando-as destacados centros de cultura no século XIII<sup>15</sup> ampliando a função difusora e propagandística das *Cantigas de Santa Maria*,<sup>16</sup> que chegaram até nós através de quatro manuscritos, todos datados da segunda metade do século XIII, atestando a magnitude da produção cultural deste período.

Afonso X inovou e deu à sua coletânea o formato de um rosário: a cada dez narrativas de milagres insere uma cantiga de louvor mais pessoal e subjetiva<sup>17</sup> como, por exemplo, a CSM 209 em que o personagem principal da cantiga é o próprio rei que recebe a cura através de um milagre. A poesia transforma a recuperação do rei de uma doença, em um episódio mítico, cujo significado simbólico é o merecimento do monarca em receber a graça divina, reforçando a cumplicidade do Rei com a Virgem. Neste trecho vemos que nenhum físico pode curar o Rei até ele mandar por sobre ele o livro das *Cantigas*:

E os físicos mandavan-me pões  
panos caentes, mas nono quix fazer,  
mas mandei o Livro dela aduzer;  
e poséron-mio, e lógo jouv' en paz<sup>18</sup>

As *Cantigas de Santa Maria* não traduzem o mundo tal como era, mas revelam modelos e símbolos importantes para compreensão do exercício do poder. Tomemos como exemplo a análise da CSM 194, onde o beneficiado pelo milagre da virgem é um jogral. A poesia exalta a face trovadoresca do monarca, numa narrativa onde a Virgem esta comprometida com justiça e combate a nobreza guerreira, símbolo de inveja e da cobiça. O protagonista da CSM 194 é um jogral

<sup>15</sup> BARROS, José d' Assunção. Diálogo entre dois cancioneiros. O trovadorismo galego-português nos séculos XIII e XIV. In: *REVISTA LETRA MAGNA*. Revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, Linguística e literatura – ano 02 – n. 03, 2º semestre de 2005, p. 3.

<sup>16</sup>SILVEIRA, Aline dias da. Política e convivência entre cristãos e muçulmanos nas Cantigas de Santa Maria. In: PEREIRA, Nilton M., CROSSETTI, Cybele de A., TEIXEIRA, Igor S. *Reflexões sobre o medievo*. GT Estudos Medievais/ ANPUH-RS. São Leopoldo (RS): Oikos, 2009, p. 58.

<sup>17</sup> MONGELLI, Lênia Márcia. *Fremosos Cantares: (antologia da lírica medieval galego-portuguesa)* – São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2009 p. 282

<sup>18</sup> CSM 209

da Catalunha que é salvo pela Virgem de um roubo protagonizado por um Cavaleiro:

Como o nome da Virgen é aos bõos fremoso, assí é contra os maos mui fórt' e mui temeroso. Dest' avo un miragre en terra de Catalonna dun jogar que ben cantava e apost' e sen vergonna; e andando pelas cortes, fazendo ben ssa besonna, a casa dun cavaleiro foi pousar cobiçoso.<sup>19</sup>

Nossa análise destas cantigas vai ao encontro das considerações de Guimarães para quem “A Literatura pode sintetizar interesses de diferentes tempos e pode fazer falar o passado quando resgata contextos históricos”<sup>20</sup>. E é isto que as cantigas nos trazem, ao explicitar os conflitos que Afonso X tinha com sua nobreza. O jogo de palavras explicitado pelas cantigas revela a forma que o homem medieval encontrava para divulgar determinada percepção do mundo, neste caso a do Rei autor. Aqui, no entanto, pretendemos realizar um estudo sobre o conceito de “povo” nas *Cantigas de Santa Maria*, o que requer inevitavelmente uma reflexão sobre o feudalismo Ibérico.

Mattoso defende a tese de que o feudalismo existiu em Portugal, ainda que de uma forma distinta do restante do continente europeu. Além disso, percebe que os estudos sobre os reinos Castela e Leão aplicam-se também ao reino de Portugal e vice-versa<sup>21</sup>. Dessa forma seus estudos são uteis para a contextualização das *Cantigas de Santa Maria*. O autor aborda busca no léxico das mesmas o significado de termos como: *dom, dona e senhor*, que possuem, sobretudo, um sentido feudal,<sup>22</sup> concluindo que o sistema de organização econômico-social do medievo ibérico só pode chamado ser feudalismo, afinal suas instituições são baseadas no contrato

---

<sup>19</sup> CSM 194. Trata-se de um poema de 10 cobras, no qual o esquema de rimas é de AA no refrão e BBBB em todas as cobras (estrofes). São o tipo mais corriqueiro de *zeje*<sup>19</sup> que consistia de um dístico aa, logo sucedido por uma estrofe composta de três versos monorrimos (bbb) e um quarto que rimava com o refrão. O trecho apresentado é um exemplo deste tipo o simples de *zejel* ( aa / bbba ) - ou, no caso, oso oso / onna onna onna oso.

<sup>20</sup> GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Capítulos de História: o trabalho com fontes* – Curitiba: Aymará Educação, 2012.

<sup>21</sup> MATTOSO, José. **Fragments de uma composição medieval**. Lisboa: Editora Estampa, 1993. p . 117

<sup>22</sup> Ibid. P.162

vassálico, ao mesmo tempo em que mentalidade e as relações humanas desta sociedade são igualmente imbuídas de uma lógica feudal.<sup>23</sup>

O cerne metodologia/teoria de Mattoso parte da noção institucional do feudalismo para ver até que ponto ela impregna a linguagem e a mentalidade. O autor nota que uma das características marcantes deste sistema são as relações assimétricas que partem de um contrato vassálico onde um elemento sempre terá mais poder e autoridade do que o outro: “Daí resulta a proteção que o primeiro assegura ao segundo e a fidelidade que este deve àquele”<sup>24</sup>.

Mattoso percebe na Península Ibérica o protagonismo da nobreza que buscou estruturar o regime senhorial<sup>25</sup> (seu domínio sobre as terras e “camponeses”). A nobreza guerreira estava amparada, portanto, por uma linguagem que a privilegiava reproduzindo o seu sistema de valores e visão de mundo.<sup>26</sup> Ou seja, existia uma via de mão dupla entre linguagem e sociedade, onde a aristocracia faz a manutenção de seu domínio, também, no campo da mentalidade:

Por exemplo, as que unem o senhor de um domínio com os seus cultivadores; ou um chefe militar e os cavaleiros do seu séquito; ou o abade de um mosteiro e os leigos que se acolhem à sua protecção; ou o papa e os reis que com ele estabelecem um pacto; e até as relações que unem o santo patrono aos fiéis que frequentam a sua igreja.<sup>27</sup>

Por este viés o vocabulário feudal de origem institucional impregna a vida cotidiana.<sup>28</sup> Nas cantigas, com seu caráter

---

<sup>23</sup> Ibid P. 118 – 149.

<sup>24</sup> Ibid P. 116.

<sup>25</sup> É necessário diferenciar o regime senhorial do feudal. O primeiro regula as relações entre classes sociais diferentes, enquanto o segundo une membros da mesma classe<sup>25</sup>. Para Mattoso, no entanto, o modelo de relações próprio da aristocracia guerreira se propagou a todo o corpo social, embora eventualmente com alterações de significado e de conteúdo ideológico IN\_ MATTOSO, op. Cit. p. 149.

Mattoso percebe uma dinâmica de poder sobre a terra e não um modo de produção, e é nesse sentido que a natureza feudal é distinta da senhorial Os Laços feudais são constituídos por relações contratuais entre homens livres, para distribuir o poder de maneira hierárquica entre eles.

<sup>26</sup> MATTOSO, op. Cit. P. 117.

<sup>27</sup> Ibid. P. 118.

<sup>28</sup> Idem.

lúdico,<sup>29</sup> temos a polissemia do termo *servir* que, por exemplo, exprimia a função do mais simples servo até prestação de um serviço a Deus pela Igreja ou ao Rei pelos nobres. Só o contexto pode ajudar a decifrar se o termo designa o trabalho do servo ou a obrigação do vassalo. Além disso, os trovadores utilizavam o termo *servir* para apresentarem-se enquanto vassalo fiel da senhora amada<sup>30</sup>. Dessa forma, Mattoso buscou através do léxico medieval, demonstrar os desdobramentos do modelo institucional da homenagem feudal na sociedade ibérica, para revelar a enorme e complexa teia de relações criadas pelos compromissos vassálicos, trazendo a tona por fim, as expectativas que impregnavam a interdependência pessoal no medievo. Mattoso crítica, portanto, as análises simplistas que ocultam a riqueza deste contexto:

As análises jurídicas feitas pela historiografia positivista mostraram, sem dúvida, a raridade de compromissos feudais estritos. Mas ocultaram uma realidade extremamente fluida, rica e pluriforme, que se exprime a partir do modelo do compromisso pessoal que neles está presente.<sup>31</sup>

Através da obra de Mattoso, descobrimos, enfim, que através do léxico medieval é possível compreender como solidariedade feudal que se desenvolveu na Península Ibérica.

## 2. Segunda parte: ensaio sobre o conceito de povo

De acordo com Alain Guerreau a maioria dos trabalhos sobre feudalismo aborda a nobreza justificando-se pelo falacioso pretexto de falta de documentação.<sup>32</sup> Após escrevermos trabalhos sobre os cavaleiros nas Cantigas de Santa Maria, buscamos aqui desvendar o perfil do povo nestas mesmas cantigas. Trata-se de uma pesquisa em fase embrionária que inicia com um levantamento de fontes onde constam os termos correlacionados (artesão, lavrador, vilão, pastor, etc.). A saber: CSM 22, 31, 53, 74, 98, 102, 128, 178, 289, 292, 334, 362, 366.377, 392. Destas

---

<sup>29</sup> Nesse sentido, concordamos com Mongelli quando a autora afirma que os trovadores ajudaram como poucos a pensar a polissemia da palavra no romance galego-português. MONGELLI, Lênia Márcia. *Fremosos Cantares: (antologia da lírica medieval galego-portuguesa)* – São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2009 P. 31.

<sup>30</sup> Não podemos nos deixar enganar pela poesia medieval que utilizam expressões que hoje têm apenas uma ressonância sentimental, mas na época estavam inseridos em uma lógica feudal.

<sup>31</sup> MATTOSO. Op. Cit. P.162

<sup>32</sup> GUERREAU, Alain. **O feudalismo: Um Horizonte Teórico**. Tradução de António José Pinto Ribeiro Capa de Alceu Saldanha Coutinho Edições 70. LISBOA. 1980 P. 218

escolhemos sete (22, 31, 53, 128, 178, 289, 366) com intuito de demonstrar a importância da obra poética de Afonso X para o estudo do povo de seus reinos.

Termos como: pastor, lavrador, aldeão, vilão, peão permitem o debate sobre o conceito de *povo* nas Cantigas de Santa Maria, dado que o termo *camponês* inexistia nas fontes<sup>33</sup> (o que denuncia imprecisão do termo enquanto categoria de análise para sociedade medieval). Não buscamos encaixar nosso objeto de estudo a uma teoria pré-definida, mas ansiamos descobrir de que forma as Cantigas se referem aos trabalhadores medievais, dado que na segunda metade do século XIII as funções começaram a se especializar (o ferreiro que tudo fabricava, deu lugar ao ferrador, armeiros, couteiros, etc.).

Segundo Oliveira Marques o povo estava longe de se apresentar como bloco homogêneo e indiviso, constituído somente pelos trabalhadores da terra, mas incluía a variedade de letrados, físicos, boticários que se articulava-se em vários subgrupos que pouco ou nada tinham em comum<sup>34</sup> exceto o trabalho como forma de sobrevivência. Só o povo tinha o dever e o direito de trabalhar<sup>35</sup> e na divisão tripartida da sociedade, entre *oratore*, *belatore* e *laboratore* o povo permanecia ocupando último lugar.<sup>36</sup> Sua análise vai ao encontro dos estudos de Maria Helena da Cruz Coelho que se refere a esta categoria como os que “lavravam a terra, rasgando-o com a força de seu corpo e adubando-a com o suor de seu rosto”<sup>37</sup>.

---

<sup>33</sup> Guerreau destaca a ausência, na Europa feudal, da noção de camponês, no sentido em que habitualmente se entende. Existiam palavras como *aborator*, mas designavam pessoas empregadas em trabalhos particulares e não tinham qualquer valor genérico. Entre as numerosas palavras que serviam para designar aqueles que temos a tendência para considerar em bloco como camponeses, há que distinguir dois grupos: as que designam um estatuto, como *sevi*, *liberti*; e as que designam uma residência, como *agrioolae*, *rustici*, *villani*, ou uma nova residência, como *coloni*. Vê-se assim começar, no século XIII, uma luta plurissecular contra tudo o que escapava ainda ao controlo eclesiástico, aquilo que a historiografia hoje chama a cultura popular. In\_ GUERREAU. OP. Cit. p. 251

<sup>34</sup> MARQUES, Antonio Henrique de Oliveira. *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Editora Presença, 1987. P. 261

<sup>35</sup> Ibid. P. 262

<sup>36</sup> Ibid. P. 261.

<sup>37</sup> COELHO, Maria Helena da Cruz. POVO. In\_ MARQUES, A. H. de Oliveira (coord. de). *Nova História de Portugal*. Vol. III: Portugal em definição de fronteiras, coord. de Maria Helena da Cruz Coelho e de Armando Luis de Carvalho Homem, Lisboa, Editorial Presença, 1996. P 252

Abaixo dos lavradores (o peão do meio rural) na hierarquia social estava somente a grande massa dos jornaleiros, mancebos e criados.<sup>38</sup> Mas o próprio termo lavrador é ambíguo e pode referir a um cavaleiro vilão ou aos trabalhadores temporários do campo: a realidade apresentava situações ambíguas que os próprios contemporâneos não sabiam, por vezes, resolver.<sup>39</sup>

A maioria dos lavradores procuraria assim, satisfazer os seus compromissos contratuais e assegurar a sua subsistência, seja trabalhando nas terras de vilãos, nobres, eclesiásticos ou do próprio rei.<sup>40</sup> Também, eram estes obreiros que exerciam o trabalho braçal na construção de muralhas e fortificações, sendo igualmente obrigados a pagar uma série de tributos.<sup>41</sup>

Além disso, o contexto da Reconquista na Península Ibérica permitiu a ascensão social de uma cavalaria vilã; “O código de vida desta cavalaria era mimético”<sup>42</sup> pautavam-se pelos valores sociais da nobreza, e tinham nos concelhos suas células básicas de enquadramento socioeconômico. Ainda que tivessem que pagar impostos ao rei<sup>43</sup> possuíam alguma terra onde nela trabalhavam os mais humildes. Resta a pergunta: como estes últimos eram retratados nas Cantigas medievais? Segundo Dobb (1900-1976):

Até na literatura da época, como nas *chansons de geste*, cheias de cavalheirismo gentil, “não há uma só palavra de piedade para os camponeses cujas casas e colheitas são queimadas, e que são massacrados às centenas, ou levados com pés e pulsos agrilhoados”. O vilão, que por toda parte encontramos desprezado como criatura inferior, não é tomado absolutamente como um fim da política, mas apenas como instrumento e meio de enriquecimento de seus senhores. Para o sistema que se apoiava nesses fundamentos, a história iria ter o seu próprio ajuste de contas particular.<sup>44</sup>

---

<sup>38</sup> Na CSM 334 um lavrador tinha um criado chamado Bartolomeu: “E desto fez en Terena, | ond' averedes sabor, un miragr' a Virgen santa, | Madre de Nostro Sennor, que ouv' ùa vez guarido | un **mancebo lavrador** dun mui gran mal que avía, | que lle fezéran fazer.”<sup>38</sup>

<sup>39</sup> MARQUES, op. Cit. p. 269

<sup>40</sup> Ibid. p. 277

<sup>41</sup> Ibid p. 261

<sup>42</sup> COELHO op. Cit. p. 253

<sup>43</sup> Ibid p. 256

<sup>44</sup> DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo* Trad. Affonso Blacheyre. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 61

Evocamos Dobb no trecho acima para expor os avanços da historiografia sobre o medievo, no sentido de que a perspectiva do autor encontra-se superada, afinal, nas cantigas abundam fontes de informações sobre os laboratores, que não consistiam simplesmente num conjunto homogêneo de camponeses explorados indiscriminadamente pela nobreza.

No entanto, concordamos com o autor no sentido que, de fato, a violência reinava nas canções de gesta sem nenhuma condenação explícita, mesmo que isso tal fato seja diferente nas Cantigas de Santa Maria, onde imperava a inspiração religiosa, organizadas por um Rei que lidava o constante embate com a nobreza, descontente com sua política centralizadora. Neste contexto a relação senhores/camponeses era complexa, e aqui nos alinhamos a Alain Guerreau:

Contrariamente muitos, que pensam esta relação como simples e fácil de conceptualizar, parece-me que se trata de uma relação muito complexa e, sobretudo, muito mal conhecida, sobre a qual uma breve pesquisa lexical pode trazer surpresas.<sup>45</sup>

No estudo detalhado das fontes, longe de descobrirmos um bloco homogêneo nos deparamos com as disputas internas nos concelhos<sup>46</sup> e o apelo do rei cavalaria vilã para domar a sua própria nobreza<sup>47</sup> - a exemplo de Afonso X que durante seu reinado buscou, sem sucesso, afirmar-se enquanto imperador de seu próprio reino<sup>48</sup> -. A garantia da paz, que só os que guerreavam (nobres ou cavaleiros vilãos) podiam oferecer era vital neste contexto.<sup>49</sup> No entanto, nos deteremos aqui, ao estudo daqueles que laboravam diariamente, tratavam o gado, criavam animais, cuidavam da terra e que cima de tudo temiam as razias e saques de suas colheitas. O grosso do campesinato buscava viver pacificamente e pagar uma fração de sua colheita ao senhor, bem como prestar serviços, desfrutando do

---

<sup>45</sup> GUERREAU. Op.cit. P. 215

<sup>46</sup> MATTOSO. Op.Cit P. 123

<sup>47</sup> Ibid. P. 138

<sup>48</sup> Sobre os Cotifes, ou cavaleiros vilões ver capítulo 6.4. O MAU CAVALEIRO NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA p. 138 In\_ SOKOLOWSKI, M. **Aspectos da cavalaria nas Cantigas de Santa Maria de Afonso X (1252-1284)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

<sup>49</sup> COELHO op. Cit P. 265

restante para alimento (cereal, vinho, legumes, alho, cebolas, aves e ovos) e sementes.

Estes mesmos camponeses viveram a revitalização do culto mariano no século XIII.<sup>50</sup> Sozinhos, ou em grupos, rumavam até as capelas dos santos e da Virgem imbuídos pela crença nos milagres. Nestes locais, além orarem buscando purificação interior, procuravam remédio para os males terrenos e doenças. Em algumas situações acreditavam que só o milagre os podia salvar:

Nestes casos levam-se muitas vezes os cegos, os surdos, os paralíticos, os raivosos, até junto da sepultura dos santos ou no altar da Virgem para beneficiarem da proximidade do sagrado [...] Visões noturnas e sonhos anunciavam os caminhos da intercessão, enquanto vigílias e sonos envolviam tantas vezes a cura. E se o milagre ocorria, então havia que gratificar, com renovadas orações e missas, [...] esmolas, entregas de dinheiro [...] entrega de ex-votos que representavam a parte do corpo curado (braço, perna, cabeça) ou o animal protegido.<sup>51</sup>

Na CSM 31 um aldeão sai de Segóvia rumo a Vila Sirga para orar a Virgem para que o ajude a recuperar sua vaca predileta:

Desto mostrou un miragre | a que é chamada Virga de Jêsse na sa eigreja | que éste en Vila-Sirga, [...] E porend' un aldeão | de Segóvia, que morava na aldea, ùa vaca | perdera que muit' amava<sup>52</sup>

As primeiras estrofes desta cantiga expressam a universalidade da fé cristã: “Pessoas grandes e pequenas, doentes ou saudáveis” todos visitam a igreja para rezar, receber saúde ou fazer doações. Já na CSM 289 percebemos dois pontos importantes do ecossistema feudal: a submissão à Igreja e a natureza:

Outrossí a mão déstra | cona fouce apertada  
foi, assí como se fosse | con fórt' engrud' engrudada;<sup>53</sup>

Temos aqui o relato sobre um fazendeiro que residia próximo a Madrid e quis fazer sua colheita em dia de festa. Com seu chapéu para proteger-se do sol,

---

<sup>50</sup> Ibid. P. 305

<sup>51</sup> Ibid. p. 306.

<sup>52</sup> CSM 31

<sup>53</sup> CSM 289

trabalhava ao meio-dia quando teve sua mão direita grudada a sua foice e a mão esquerda colada a um maço de trigos, como se um adesivo divino o prendesse: A Virgem Maria pune o lavrador que quis trabalhar em dia santo. A cantiga demonstra que o tempo pertence a Deus e que todos devem se submeter a ele: Para análise desta cantiga evocamos o esquema explicativo de Alain Guerreau para quem a Igreja Medieval era a senhora do tempo:

O esquema temporal:

1. tempo do ciclo litúrgico anual
2. tempo eclesiológico: sacerdote que fala;
3. tempo das gerações: fiéis que ouvem;
4. tempo eclesiológico (eternidade).<sup>54</sup>

A Igreja está, assim, ancorada simultaneamente no tempo e na eternidade, detentora do sagrado ela é intermediária entre Deus e os homens. Segundo a cantiga, resta aos *laboratores* obedecerem ao calendário litúrgico. No entanto, a natureza e o calendário agrícola tem o seu próprio ciclo:

No campo, o trabalho irmanava os homens e ritmava a vida. O nascer e pôr-do-sol marcavam o dia de labor e a noite de descanso. O calendário agrícola ditava os tempos fortes e fracos.<sup>55</sup> [...] Terminando o ciclo do grão, com o seu armazenamento nos celeiros, anunciava-se já o do vinho, com a preparação, no mês de Agosto, do vasilhame. Para setembro, á volta da festa de S. Cipriano, ter lugar essa árdua, mas também lúdica tarefa das vindimas, em que se cortavam os cachos, se acarretavam os cestos para o lagar, se pisavam as uvas, para que finalmente jorrasse o vinho, esse néctar que agigantava os copos e embriagava os corações.<sup>56</sup>

Entre os relatos das Cantigas de Santa Maria que dão vida as práticas camponesas têm a CSM 178 que conta a historia de um lavrador que presenteou seu filho com uma mula, quando o animal morre a mãe do menino, desconsiderando o afeto do filho, ordena que um criado a esfole para obter couro. O filho, no entanto, reza pela sua ressurreição do animal:

Desto mostrou, un miragre | a Madre do Salvador,

---

<sup>54</sup> GUERREAU Op. Cit. p. 251

<sup>55</sup> COELHO. Op. Cit. p. 296

<sup>56</sup> Ibid. p. 297

mui grande, por un menino | que fillo dun lavrador  
éa; e poi-lo oírdes, | averedes ên sabor  
e loaredes a Virgen | que sempre por nós traballa.

[...]

Ao lavrador nacera | muleta, com' aprix éu,  
en sa casa, fremosinna, | que lóg' a séu fillo déu,  
e faagando-o muito, | dizendo: “Este don téu  
seja daquesta muleta, | e dar-te-ll-ei orj' e palla.

[...]

Ao éro u lavrava. | Mas la madre, que ficou  
na casa, aquela múa | mórta lógo a fillou  
e chamou un séu colaço | e esfolá-la mandou,  
cuidando aver do coiro | cinco sóldos e mealla<sup>57</sup>

Descobrimos aqui (nesta breve e demonstrativa análise das cantigas) que entre os diversos relatos sobre lavradores nas Cantigas de Santa Maria existe uma constante: a referência negativa a prática dos *lavradores* em tentar obter ganho material. Aqui (CSM 178) estes buscam vender couro, na CSM 31 um aldeão avarento tenta vender um bezerro prometido a Virgem. A preocupação do Rei para com estas práticas econômicas dos lavradores, divulgadas nas cantigas poder ser notada igualmente na CSM 128:

a un vilão que éa | d' abellas cobiiçoso,  
por aver ên mél e cera | que lle non custasse nada. [...]  
e foi pedir a consello | a ùa vélla sorteira<sup>58</sup>

O personagem desta cantiga é um Vilão (morador da vila) que decide consultar uma cartomante<sup>59</sup> para descobrir como obter abelhas, a fim de ter cera e mel, sem ter que pagar os tributos devidos. Ela lhe o instruí para obter uma hóstia consagrada e a inserir numa colmeia, o que resulta num milagre inesperado quando a hóstia torna-se uma imagem da Virgem. O padre sabendo da situação convocou o conselho para decidir o que fazer e o resultado é uma procissão que leva a colmeia para dentro da Igreja. Mendes ao analisar esta cantiga desta um aspecto fundamental:

---

<sup>57</sup> CSM 178

<sup>58</sup> CSM 128

<sup>59</sup> A Igreja condenava-se os adivinhos, e encantadores e todos que praticassem artes mágicas, inclusive as cartomantes.

Evidente que produtos tão apreciáveis poderiam render algum lucro para as pessoas que os vendessem. De fato, na legislação do reino visigodo, lei que foi traduzida para o castelhano a mando do pai de Dom Afonso X, Dom Fernando III, encontramos uma secção exclusiva para os delitos envolvendo abelhas. Nela podemos ver que as penas e os valores que deveriam ser pagos pelos que roubassem ou tentasse roubar abelhas não era pequeno.<sup>60</sup> É essa importância econômica das abelhas que podemos ver na Cantiga que conta o primeiro milagre relacionado a elas.<sup>61</sup>

Fato que os homens, quando não estavam na lavoura se dedicavam a atividades coletoras. Pescavam peixes do rio, faziam armadilhas nos tempos de proliferação de coelhos e cobiçavam as abelhas que em suas colmeias ofereciam o adoçante por excelência da Idade Média, além da cera, fundamental para iluminação.<sup>62</sup> Mas os senhores feudais, enquanto donos da terra costumavam a taxar tudo que a natureza oferecia, inclusive o mel. A desconfiança existente nas Cantigas de Santa Maria (de autoria do rei e seus trovadores) em relação a cobiça dos lavradores ou vilões em obter lucros seja com a venda de um falcão roubado, ou do uso indevido do mel, fornecem pistas importantes sobre a relação entre economia e poder no contexto medieval. A Cantiga 366, por exemplo, descreve um milagre que beneficiou Dom Manuel<sup>63</sup>, aflito ao perder seu falcão que ao sobrevoar o rio Rio Guadalquivir. Abaixo destacamos os detalhes contextuais da Cantiga: o falcão é visto sobrevoando um campo, arado por bois antes de ser recuperado. Apesar do poema expressar confiança na Virgem os lavradores são vistos com suspeita, tanto Afonso X como seu irmão Dom Manuel, que desconfiavam que um dos lavradores poderiam ter capturado e vendido sua ave de rapina: “cuidando que o achara | algún desses lavradores [...] Que os achan a vegadas | e os tēen ascondudos e os van vender a furto | por non seeren connosçudos”.<sup>64</sup>

---

<sup>60</sup> *FUERO JUZGO*: en latín y castellano, cotejado con los más antiguos y preciosos códices, Madrid, Ibarra, 1815, p. 151. Apud. MENDES, Augusto. C. **Os Animais nas Cantigas de Santa Maria (II)**. Eikón Imago, v. 5, p. 37-96, 2016.

<sup>61</sup> MENDES, Augusto. C. **Os Animais nas Cantigas de Santa Maria (II)**. Eikón Imago, v. 5, 2016. P. 136

<sup>62</sup> COELHO. Op.cit P. 262

<sup>63</sup> Manuel de Castela (1234 - 1283); infante de Castela e Leão, filho de Fernando III de e Beatriz de Suabia. Foi alferes do rei (1258-1277), mordomo maior (1279-1282) durante o reinado de Afonso X (1252-1284)

<sup>64</sup> CSM 366

Já na CSM 22 um lavrador chamado Mateus é beneficiado pelo milagre da Virgem, após ser vítima da agressão de um cavaleiro, pede socorro a Santa para suportar os golpes de lança: “En Armenteira foi un lavrador, que un cavaleiro, por desamor mui grande que aví a séu sennor, foi polo matar, per nome Matéus”.<sup>65</sup>

O motivo do ataque seria o desamor que este cavaleiro tinha pelo senhor do lavrador. Obviamente, não tomamos as cantigas como um espelho da realidade vivida, mas sim como uma fonte que expressa os sentimentos e expectativas do monarca. A Cantiga em questão (CSM 22) nos traz o episódio baseado numa situação real ou imaginada que reflete o contexto de saques e violência perpetradas pela própria cavalaria castelhana contra mosteiros e camponeses do reino, tendo repercussão tanto não só nas crônicas como nas Cantigas de Afonso X<sup>66</sup> que não hesitou em utilizá-las como ferramenta de divulgação dos deveres de vassalagem que seus nobres tinham para com seu Rei e com a “senhor dos senhores” (Virgem Maria). Além dos lavradores que trabalhavam na terra, os pastores marcam presença nas cantigas, Coelho lembra que peonagem dos concelhos podia ser constituída essencialmente por criadores de gado:

Eles eram imprescindíveis como força de tracção, fonte de entrumagem e não menos complemento econômico, no leite, carne e pele ou lã [...] Só os mais ricos, como vimos, disporiam de dois ou mais bois para puxar o arado e um rebanho que tivesse 40 ovelhas era já considerado de monta. Os demais homens poderiam ter apenas um bovino, pedindo outro emprestado se quisessem lavar, e algumas cabeças de gado miúdo, entre porcos, cabras e ovelhas.

<sup>67</sup>

Na última cantiga analisada aqui (CSM 53) temos o relato de um milagre que beneficia um menino pegureiro, ou seja, um pequeno pastor que desenvolve uma grave inflamação dos pés:

dun meninno pegureiro, | a que os pées arder  
começaron daquel fogo | que salvaj' ouço cham<sup>68</sup>

---

<sup>65</sup> CSM 22

<sup>66</sup> SOKOLOWSKI. M. Op.Cit. p. 94.

<sup>67</sup> COELHO. Op.cit. p.264

<sup>68</sup> CSM 53

A Cantiga descreve a aflição da mãe que carrega seu filho a Igreja em busca de um milagre. Este é o povo que encontramos nas *Cantigas de Santa Maria*, cujos pés ardem tanto, que só um milagre pode curar. Homens que sofrem com a morte de seu animal de estimação e viajam longas distâncias em prol de sua fé. Lavradores supersticiosos que consultam cartomantes e que sofrem com a desconfiança da nobreza ou são atacados de surpresa por um cavaleiro descontente.

Concluimos, afirmando que as cantigas, através de seus relatos lúdicos, nos aproximam de uma viva representação do povo, que buscam vender mel e couro para sobreviver da melhor maneira possível no contexto feudal. E como bem coloca Cruz Coelho estas mesmas cantigas eram cantadas nas feiras onde se negociava, mas também se ouvia música e nas romarias contexto de oração, mas também de se “bem vestir, cantar e amar”<sup>69</sup>. Descobrimos que as cantigas pintam um vivo quadro da vida dos trabalhadores medievais e divulgam sua fé por Maria bem como suas tentativas em obter ganhos, além do trabalho, para sua sobrevivência. Estas mesmas cantigas colocam em evidência a figura das mulheres, mães e as crianças, enquanto fundamentais no mundo do trabalho medieval.

Recebido em: 26/08/2018

Aprovado em: 15/12/2018

---

<sup>69</sup> COELHO. Op.cit. p.305.